

APRESENTAÇÃO

A HISTÓRIA, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais (DHEPI) garante, neste ano de 2018, a periodicidade semestral iniciada em 2017. Com efeito, o 8.º volume da IV Série, 1.º semestre, em suporte digital, procura associar os parâmetros de qualidade científica com os processos de agilização de divulgação nacional e internacional.

O presente número responde ao repto lançado pelos responsáveis pelo Dossier temático, sob o tópico do *Tempo(s)*, numa aceção plural, por estar aberto não só à progressão da historiografia e epistemologia da História, como às abordagens plurais e interdisciplinares. A justificação é óbvia para a História, porque assume o tempo como uma categoria intrínseca à observação das mudanças e à elaboração da narrativa. Mas também é óbvio que a descontinuidade do tempo é observável hoje, quando o paradigma informacional e a sociedade em rede conduzem a uma perturbação sistémica na ordem sequencial do tempo, uma compressão e uma busca do controlo do tempo, criando cápsulas do tempo que o procuram fixar, através de processos mnemónicos, ativadores do passado, que a memória, ativada, se materializa em património.

Os textos que fazem parte do dossiê temático apresentam uma multiplicidade de abordagens em resposta à proposta dos editores deste número temático. O repto temático originou um texto agregador de um inesgotável caleidoscópico de perspetivas, sendo que a compreensão de cada tempo (o atual, de cada contemporaneidade) revela, em simultâneo, a trajetória da humanidade no decorrer do tempo e o estudo dessa trajetória. Os ritmos temporais, as suas representações, abrem-se às noções de tempo-memória, tempo-medida, tempo-geológico (holoceno) e tempo-social (antropoceno) a uma escala milenar, ao tempo atmosférico que procura monitorizar, entre outros aspetos, as mudanças climáticas.

Sob a perspetiva da relação entre tempo e a Providência, em “A representação do tempo na *carta das Esperanças de Portugal, Quinto Império do mundo* (1659”, explora-se, na oratória do Padre António Vieira, as construções acerca do tempo,

particularmente na chamada *carta das Esperanças de Portugal*, na qual Vieira projetou no futuro, no presente e no passado, as verdades relatadas nos versos de Bandarra e arquitetou o que seria matéria do *Livro Antepimeiro da História do Futuro*. Por sua vez, o autor de *Sermões fúnebres ibéricos e o sentido do tempo (Século XVII)* mostra o impacto dessa tipologia de sermões, publicados ao longo do século XVII nas monarquias ibéricas, que levantavam a problemática da morte e do tempo, nas sociedades de então, no ajuste do comportamento social e da práxis política de homens ilustres, ao prescreverem deveres temporais e espirituais.

O tempo climático, tão difícil de atingir em épocas de registo pré-instrumental (muito antes dos observatórios meteorológicos), justifica a compilação de ecos dispersos de eventos climáticos extremos. Por isso, o texto “*Preces a Nosso Senhor para dar bom tempo*”. *Preces e Procissões de Penitência da Ordem Franciscana Secular de Coimbra (séculos XVIII-XIX)* é um material fundamental a ser explorado, localizando e transcrevendo documentação que acompanha aquelas manifestações públicas, contribuindo para estudos comparativos futuros acerca das perceções do clima, em períodos históricos.

Tempo histórico, espacialidade e aceleração: João Crisóstomo e o caminho-de-ferro (1858) é uma abordagem teórica e empírica, em que os autores, ao analisarem documentos centrais acerca da interpretação do atraso português e o imperativo português de agarrar a marcha da humanidade, recuperam uma reflexão epistemológica: a possibilidade de vislumbrar o futuro, ora segundo as filosofias da história, ora segundo um “prognóstico racional”, que introduziu a leitura científica dos dados empíricos, em particular na sociedade industrial, articulando essa relação entre o tempo histórico e o espaço.

Um outro grupo de artigos aborda as questões da memória e dos seus usos. Em *O Tempo fora do Tempo: usos da memória e do esquecimento* a autora convoca uma diversidade de autores que enriquece a reflexão sobre os usos da memória e do esquecimento, dentro da perspectiva da “desmemória” (de “apagamento”), ou da ideia de memória confiscada, à luz da experiência histórica. O artigo que se lhe segue, *O futuro do passado – em torno dos conceitos de história e património: a propósito da Mamoa/Dólmen 1 da Cerqueira*, discute a importância do conhecimento histórico como forma de conferir valor a uma materialidade, de a projetar no futuro, de lhe

atribuir valor patrimonial, discutindo a opção pela ruína ou a reconstrução dessa materialidade. Os problemas são semelhantes, num outro espaço, quando se analisa a construção das *Memórias do Café e da Imigração Italiana*, articulando, do ponto de vista teórico e analítico, a afirmação da Casa da Memória Italiana, na cidade de Ribeirão Preto, Brasil, fruto do reconhecimento dos lugares como potencialmente criativos, que exploram as potencialidades encontradas em factos históricos, recursos materiais e imateriais, muitas vezes já identificados como patrimónios culturais, mas que exigem uma releitura do passado.

Finalmente, dois textos integram-se na didática da História, num processo de compreensão da aproximação dos alunos de hoje a tempos de difícil inteligibilidade, porque fora deste tempo, tantas vezes percebidos como ficcionais. Em “*Tudo começou com D. Afonso Henriques*”: o tempo histórico nas narrativas de estudantes do Ensino Básico os autores abordam as representações construídas por estudantes daquelas idades, sobre aquilo que é o tempo histórico. No segundo texto, *Como trabalhar a noção de tempo em História com alunos do ensino básico*, a autora, ao verificar como a noção de tempo é uma das mais abstratas e de mais difícil compreensão pelos alunos no ensino básico, mas também uma das mais necessárias para a aprendizagem da História, desenvolveu práticas pedagógicas (jogos didáticos e aplicações móveis) que procuraram melhorar o seu desempenho em exercícios específicos de ordenação temporal, no âmbito do estudo da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI.

Dois outros textos completam este volume, na rubrica *Outros Estudos*. O contributo para uma compilação e análise da produção legislativa, que acompanhou a construção ferroviária, comparando-as com o que se passava além-fronteiras, nomeadamente em Espanha, França e Bélgica, países que normalmente serviam de modelo à política ferroviária nacional, surge no estudo intitulado *A legislação ferroviária portuguesa (1845-1892)*.

Finalmente, em *Mulheres na Universidade de Coimbra: o caso das primeiras estudantes cabo-verdianas*, a autora procurou proceder a uma caracterização sociológica e à análise dos percursos académicos das primeiras estudantes cabo-verdianas que ingressaram naquela universidade, enquadrando-os no contexto mais geral do acesso ao ensino superior dos estudantes das ex-colónias, cuja entrada

coincidiu com o início do Estado Novo e a intensificação de fluxos migratórios entre a metrópole e as antigas colónias africanas.

Estamos certos de que este número se deve, fundamentalmente, aos autores e aos revisores (dupla revisão) que leram atentamente, sugeriram e contribuíram para o apuramento dos textos finais.

Agradecemos a colaboração contínua dos serviços de apoio da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que nos têm acompanhado neste processo de disponibilização dos conteúdos e afinamento de procedimentos frente às exigências tecnológicas.

Espera-se, sinceramente, não defraudar as expetativas e a confiança depositadas por muitos.

Porto, 28 de junho de 2018

A Comissão Editorial

Inês Amorim
Cláudia Pinto Ribeiro
Francesco Renzi
Jorge Martins Ribeiro
Luís Pedro Silva
Maria Antonieta Cruz
Sara Pinto
Teresa Cierco